



PEDRO BARBOSA

ERÓSTRATO

RITO TEATRAL

PEDRO BARBOSA

ERÓSTRATO

rito teatral

Centelha

Coimbra

1983

1. O Trágico do Rio Côrrego — Henrique Monteiro
2. O Grande Crime do Rio de Janeiro — Almeida Faria
3. O Grande Crime do Rio de Janeiro — Almeida Faria
4. O Grande Crime do Rio de Janeiro — Almeida Faria
5. O Grande Crime do Rio de Janeiro — Almeida Faria
6. O Grande Crime do Rio de Janeiro — Almeida Faria
7. O Grande Crime do Rio de Janeiro — Almeida Faria
8. O Grande Crime do Rio de Janeiro — Almeida Faria
9. O Grande Crime do Rio de Janeiro — Almeida Faria
10. O Grande Crime do Rio de Janeiro — Almeida Faria
11. O Grande Crime do Rio de Janeiro — Almeida Faria
12. O Grande Crime do Rio de Janeiro — Almeida Faria
13. O Grande Crime do Rio de Janeiro — Almeida Faria
14. O Grande Crime do Rio de Janeiro — Almeida Faria
15. O Grande Crime do Rio de Janeiro — Almeida Faria

Título: ERÓSTRATO — rito teatral

Autor: Pedro Barbosa

Prémios obtidos: Prémio Originais de Teatro Seiva-Trupe (ex-aequo)

Capa: Emerenciano

Editor: Centelha, Promoção do Livro, S. A. R. L.
Apartado 241 — 3000 COIMBRA

Composição: Grafidois — Fotocomposição e Artes Gráficas, Lda.
Av. Sá da Bandeira, n.º 114-r/c — 3000 COIMBRA

Impressão: Tipografia Lousanense
Apartado 6 — 3200 LOUSÃ

ERÓSTRATO
(Mito)

PERSONAGENS

ERÓSTRATO: protagonista, em quase solilóquio.

CORO DE ESPECTADORES: actores-dinamizadores disseminados entre o público como se de espectadores verdadeiros se tratasse; entre eles, revelando-se no fim, **ACTOR X**, **ACTOR Y** e **ACTRIZ Z**.

Intervindo no final: **DIRECTOR DE CENA**, **ARRUMADOR**, **PORTEIRO** e demais Pessoal da Companhia; **ENFERMEIROS** (nos dois últimos finais).

(A inserir nos anúncios e programas do espectáculo:)

AVISO:

Não se assume a responsabilidade por quaisquer consequências de ordem física ou emocional que durante o ritual possam resultar para espectadores mais sensíveis.

(Uma sala com uma única porta de acesso.

Poderemos imaginar os espectadores sentados em três ou quatro filas envolventes, deixando no meio um espaço vazio que servirá como arena central. Suspenso do tecto, a uns três metros de altura e seguro por grossos cabos de corda, um enorme candelabro constituído por uma roda de leme sustentando no seu perímetro seis cotos de vela por acender. Um único projector fixo, num dos ângulos da sala, dirige obliquamente um jorro de luz sobre o centro da pista, deixando os espectadores ofuscados de um lado e na penumbra do outro. Além de um gravador abandonado no chão e de uma mesinha circular coberta por um pano vistoso como as dos ilusionistas, nada mais se verá sobre a pista.

Alguns momentos de espera até que os espectadores se acomodem e façam silêncio total.

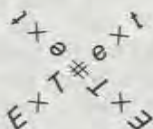
Com grande ruído de encontrões contra a porta ao tentar fazer passar por ela o escadote que traz às costas, entra um homem ridiculamente vestido, com um balde enfiado no braço, um archote aceso na mão e arrastando por um cordel uma maleta de viagem. Ouvem-se risos de «espectadores» na sala com a entrada espalhafatosa desta espécie de homem dos sete instrumentos. À medida que vai avançando para a pista, vê-se que traz umas calças às listas arregaçadas pelos tornozelos, os sapatões calçados para trás, um velho fraque de abas coçadas, nariz de palhaço e uma cartola amachucada. Examinando melhor notar-se-á que toda a metade inferior do seu corpo não condiz com a de cima: e no lugar da barriga ostenta duas nádegas salientes, bem visíveis e pujantes. Está-se a ver que as calças hão-de estar vestidas ao contrário, de braguilha para trás, a condizer com os sapatos.

Chegado ao centro da pista pouisa os apetrechos e tira a cartola, que coloca sobre a mesa, enfiando dentro dela a tocha acesa. Arma em seguida o escadote (que é dos que abrem em tesoura) e estuda minuciosamente a sua posição por sob o candelabro. Uma vez acertada a posição do escadote, respira fundo, esfrega as mãos, pendura o balde num gancho da escada, pega de novo na maleta de mão, bufa-lhe para lhe tirar o pó e vai pousá-la quase carinhosamente ao lado da mesinha redonda. Dirige-se para o gravador e verifica-lhe o funcionamento. Aproxima-se de novo da mesa, experimenta-lhe o equilíbrio, e, colocando-se de cócoras, levanta uma ponta do pano que a cobre de modo a espreitar por debaixo dela. Ergue-se, pega de novo na tocha, sobe alguns degraus do escadote e acende as seis velas do candelabro. Ao descer de novo para a pista, retira-se alguns passos para trás a observar o efeito das luzes acesas; olha depois para os espectadores, como a sondar neles também o efeito produzido. E é triunfante que, de tocha erguida na mão, dá uma volta pela pista, chegando aqui e ali o fogo ao rosto dos espectadores, sobretudo dos que estão na zona de penumbra, como se desejasse examinar com os seus próprios olhos todas as pessoas presentes.

Depois, animado por algo que de súbito lhe tivesse acudido à ideia, encaminha-se de novo, pé entre pé, para a entrada, ditribuindo sorrisos aos espectadores por onde passa: uma vez chegado à porta, e alumando-a com o archote de alto a baixo, certifica-se da sua solidez e experimenta o funcionamento do ferrolho numa série de manipulações obscuras. Regressa à pista, um sorriso enigmático vincado no rosto, e pouisa a tocha dentro da cartola. Respira fundo, as mãos nas ilhargas, olhando o público em ar de desafio.

Começa a assobiar. Vai ao balde, tira lá uma broxa com tinta, e, em passos de dança absurdamente con-

tentes, vai pintando, bem no centro do coágulo de luz, estas duas fórmulas cruzadas nos dois sentidos:



Terminado o desenho, põe-se de gatas, rente ao chão, a farejar as letras. Mas dando-se conta de que os espectadores o observam, ergue-se, executa no ar uma pirueta de arlequim e começa a falar:)

ERÓSTRATO

Sou Eróstrato! Quero dizer, vou fazer de Heróstrato. Quem eu sou, na realidade, pouco interessa... Ou por outra: pode ser que venha a interessar, sim, embora mais tarde. Não a todos, mas sem dúvida a muitos de vós (*ri, com o mesmo riso secreto de há pouco*): aos ilustres sobreviventes desta noite! E por certo à polícia, aos tribunais e claro (*sonhador*) aos jornais: esses devoradores do dia-a-dia.

(Sobe até ao alto do escadote:)

Permitam, pois, que me apresente!

(Vai descendo, um a um, os degraus da escada; estica o elástico dos suspensórios e larga-os, dando dois estalos sonoros com eles; puxa o nariz, preso também por um elástico; e sopesa com as mãos, à frente das pantalonas, o bojo das duas nádegas afrontosas.)

Antes de mais nada, senhoras e senhores, queiram desculpar a minha disformidade. Nasci assim, sem culpa formada.

(Ouvem-se «risos» na sala. Eróstrato suspende-se, surpreso:)

Porque se riem? Onde está o motivo? Se me apresento como estão a ver, não é para fazer humor. Desiludam-se: isto não é uma comédia. Compreendo que tenham tomado a minha figura por disfarce. Senti a vossa troça de há pouco, à minha entrada. Não que isso me afecte, de habituado que estou. Mas não é motivo para escárnio, como devem compreender. Nasci assim, aí está. Em público, no palco, tem constituído mesmo o meu ganha-pão: como palhaço, evidentemente. Para que outra coisa podia eu servir? É-me fácil fazer rir. Mas que vexame quando quero ser levado a sério. Nascer, na vida, com corpo de palhaço! Contudo, em pista, rodeado de público, logo ele se torna magicamente normal: quem irá pensar que não é disfarce a forma como me apresento? Por debaixo desta suposta trucagem, banhado de luzes, é então que o meu corpo se transfigura e aparece escoreito aos olhos de quem o vê. Esse foi também o vosso erro, meus senhores, o vosso equívoco. Quisestes troçar de mim, mas fui eu quem vos ludibriou! A realidade é outra. Não tomeis tudo por fantástico, só porque vos encontrais num lugar de fantasia. Este é o primeiro conselho que vos dou. Por debaixo do disfarce pode esconder-se uma verdade igual a ele... *(Pausa.)* Nascer ao contrário na vida! O meu fadário só surge longe destas luzes, no palco da vida real. Vejam só: ir para trás sempre que tento andar para a frente, andar para a frente quando quero ir para trás. *(Ilustra as palavras por mímica.)* Digo isto para vos impedir o riso fácil. Não esqueçam nunca: por debaixo de cada homem-que-ri há sempre um homem-que-chora. *(Insinuante:)* Não tomem nunca por comédia o que talvez não passe de tragédia!

(Pausa. Passeando na pista de um lado para o outro:)

Perguntareis então porque me apresento nesta bizarra figura para encarnar o papel de Heróstrato. Sim, de Heróstrato: esse grego de perversa memória. Tendes razão. Pela lógica dos tempos, eu deveria talvez aparecer-vos envergando uma túnica, bem traçada sobre o ombro, e umas alpergatas nos pés com tiras de couro enroladas em torno dos tornozelos. Mas houve tantos Heróstratos na História, depois desse, que não trajavam assim... Em todos eles uma só veste era comum: a veste do desespero. E esse, como sabeis, pode ter mil disfarces. Lembro-vos, contudo, que o meu nome não é Heróstrato, assinado com H, esse H horroroso aspirado sabe-se lá onde. Não. No meu nome não há letras tóxicas. Ele presta culto só a Eros: deus do gozo e do prazer, da alegria e do amor. E da morte também, é claro: em homenagem a todos quantos morreram de amor, ou do excesso de amor que havia neles. Quando a vida regateia espaço, nunca a morte o nega a ninguém. Prova que só depõe a favor da morte e da hospitalidade que nela habita...

(Pausa. Reflecte um momento.)

E eis-me aqui a falar de Heróstrato: mas saberão todos quem foi? *(Olha em redor, tentando descortinar uma resposta na expressão dos espectadores:)* Não. Parece que não. A avaliar pelas vossas expressões...

(Começa a rir: um riso progressivo, incontrolável, que termina de mãos na «barriga».)

Desculpem, são tão divertidas as vossas caras! Nenhuma liga com nenhuma: e então o conjunto, é de um cómico irresistível. Só mesmo visto daqui!

(Consegue finalmente dominar o riso.)

Mas também porque me hei-de incomodar com que todos saibam quem foi ou quem deixou de ser Heróstrato? Se estivessem realmente interessados não poderiam ter-se informado antes de vir ver o espectáculo?

VOZ DE UM ESPECTADOR

(Num aparte:)

Essa é boa! Nem toda a gente tem em casa enciclopédias!

(Os «espectadores» que o rodeiam riem-se: mais do desaforo, está bom de ver, do que da piada sem piada.)

ERÓSTRATO

(Surpreendido, volta-se na direcção de quem falou, procurando-o com os olhos:)

Alguém falou? Terei ouvido bem?

(Mas o «espectador» visado encolhe-se no lugar e não dá sinal de si.)

Pelos vistos, não. Deve ter sido ilusão de óptica... Fala-se hoje tanto em participação do público que se calhar fui vítima de alucinação!

(Mudando bruscamente de tom:)

Mas participações dessas, dispensio! Detesto ser interrompido, sobretudo por gracejos de mau gosto. Se há aqui quem queira participar, eu pedirei colaboração quando chegar o momento oportuno. Aqui dentro, quem toma iniciativas sou eu!

(Pausa. Reflecte um instante:)

Pensando melhor: e porque não aproveitar desde já os vossos préstimos? *(Volta-se directamente para o «espectador» do aparte:)* Vejamos então esse senhor de há pouco, tão amigo do diálogo: será que quer dizer para todos nós quem foi Heróstrato?

(O «espectador» visado começa a dar sinais de notório embaraço, evitando responder.)

Repare que é uma questão de interesse fundamental. Sem o seu contributo, como hão-de todas as pessoas presentes entender o espectáculo? *(Aguarda alguns momentos; mas visto que a resposta não surge:)* Bom, não insisto mais. Não se incomode. *(Olhando à sua volta:)* E dentre tão amável público, alguém quer ter a bondade de nos dar notícias de Heróstrato?

(Volta a olhar em redor, aguardando resposta; se nenhuma reacção espontânea surgir da parte do público real, como será de prever:)

Não, não posso crer! Não deve ser ignorância... É com certeza acanhamento... Ou talvez questão de modéstia... Terei de ser eu a tomar a iniciativa?

(Inspecciona o público; escolherá um espectador de ar grave e respeitável, caso o haja:)

Penso que este senhor, tão circunspecto, nos vai poder dar uma achega, não?

(Se nenhuma resposta vier:)

Também não? Bom, passemos a uma espectadora.

(Escolhe uma espectadora ao acaso:)

Eis a oportunidade, minha senhora, de demonstrar a superioridade do sexo fraco sobre o sexo forte.

(Se a resposta igualmente não vier:)

Também não? *(Num aparte:)* Igualdade exemplar entre os dois sexos. Até na ignorância. Ou talvez no acanhamento... *(Pausa. Aguarda que se extinga a previsível reacção do público.)* Com mil demónios! Então não há, entre tão distinto público, quem dê notícia daquele a quem esta noite vai ser consagrada?

(Breve pausa, pontuada por um sorriso sarcástico.)

resta-me agradecer a todos a compreensão demonstrada e pedir-lhes que saiam na maior calma. As nossas desculpas, uma vez mais!

(Vai dar instruções ao porteiro para este abrir as portas de acesso ao exterior.)

Abertas as portas de par em par, o público poderá assistir à chegada de duas ambulâncias com a sua luz rodopiante chamejando clarões azuis a toda a volta. Os enfermeiros que saem de dentro delas penetram rapidamente no teatro, pelo meio do público, transportando duas macas.

Caso alguns espectadores tentem abordar o pessoal do teatro para indagar o que se passa, este deverá informá-los do que puder como se de um acontecimento real se tratasse: se insistirem, deverão ser instados a aguardar os comunicados que no dia seguinte serão emitidos pelos jornais.

Os espectadores mais retardatários e os que permanecerem na rua, nas imediações do teatro, assistirão ainda à saída dos dois «feridos» e poderão acompanhar a partida das ambulâncias cujo lamento ficará a ecoar pelas ruas até ser tragado pela noite citadina.)

(Comunicado a ser emitido, no dia seguinte, pelos órgãos de informação:)

COMUNICADO AO PÚBLICO

A Direcção do Teatro vem publicamente lamentar o deplorável incidente ontem ocorrido no espectáculo da noite, do qual resultaram dois feridos, entre os quais um espectador, ambos felizmente já considerados fora de perigo. Quanto ao actor (*nome do actor*), a cujo repentino descontrole mental tudo se ficou devendo, temos a informar que se encontra neste momento sob rigorosa observação médica, pelo que as representações terão de ficar suspensas até data a anunciar. (*)

A direcção do Teatro não quer deixar de renovar os seus pedidos de desculpa a todo o público presente e ao mesmo tempo agradecer a compreensão demonstrada durante as graves ocorrências de ontem à noite. A todos os espectadores que queiram dirigir-se às nossas bilhetas ser-lhes-á restituída a importância dos bilhetes.

(*) NOTA: A interrupção de alguns dias aqui sugerida poderá ser aproveitada quando a Companhia tiver de se deslocar para outra localidade. Porém, se se tratar do último espectáculo da Companhia, far-se-á alusão à tentativa de suicídio por parte do primeiro actor, motivo pelo qual as representações ficarão suspensas em definitivo.

INCONFIDÊNCIA FINAL

(Só para o actor que vier a encarnar Eróstrato)

10.^a

É um convite que aqui te deixo, meu caro actor: meu caro Eróstrato, meu caro sósia e meu cúmplice!

Para uma noite só! A ÚNICA NOITE que te lançará nos braços da Eternidade!

Não esqueças que a imortalidade só se alcança no altar dos sacrifícios: e com a dádiva total de ti próprio, pois serás tu a vítima a imolar!

Mas eu sei que tu a amas, a Eternidade!

Aqui te deixo pois o convite final. Sem que ninguém saiba... Sem ninguém o suspeitar... Uma noite só: faço-me entender, não é verdade? Seis disparos verdadeiros... Súbitos. Irreparáveis. Definitivos.

Uma noite só! Será: A ÚLTIMA NOITE!

(E aqui entre nós, que ninguém nos ouve: a história de um «CRIME PERFEITO»?)